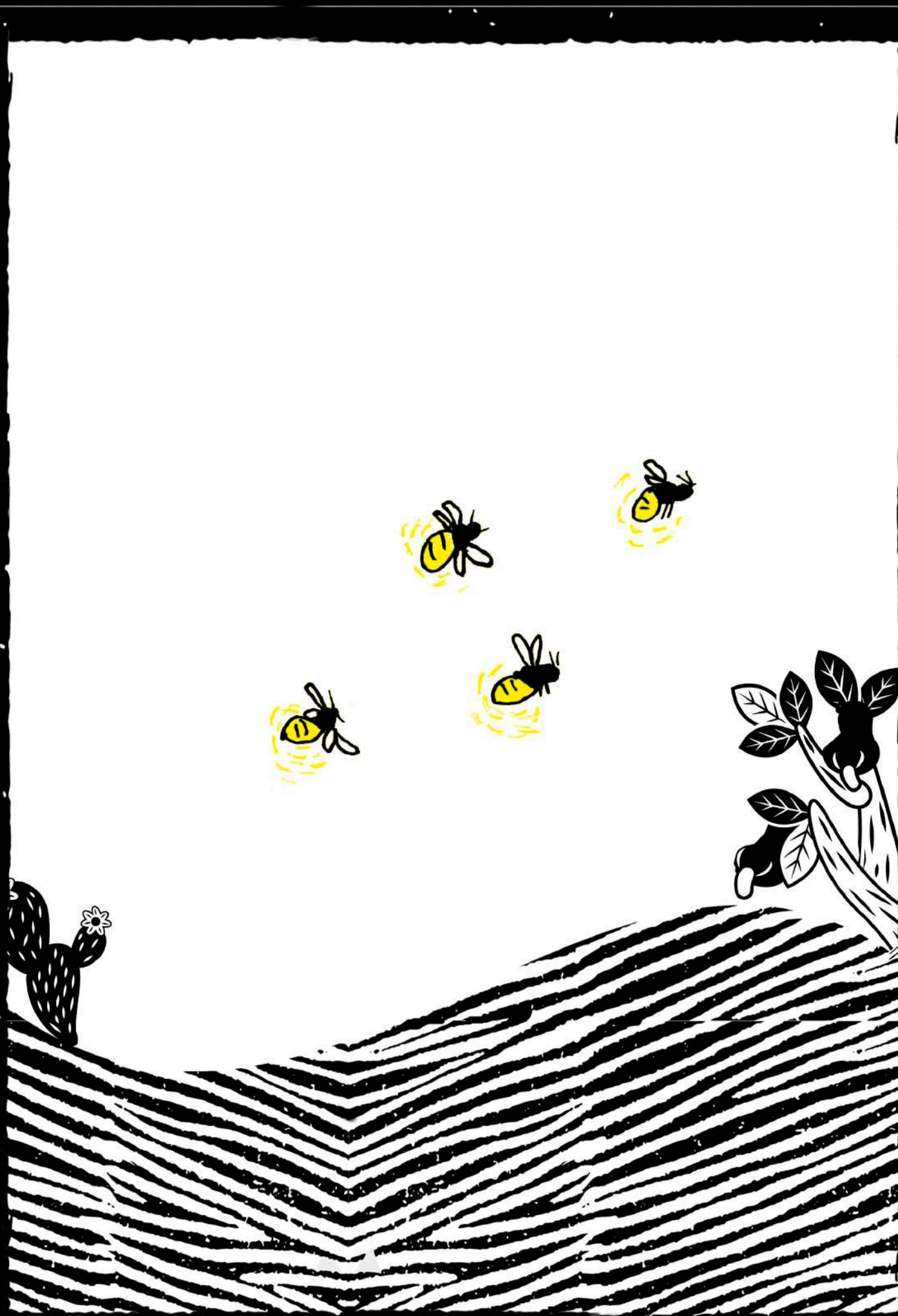


UM NORDESTE PRA CADA UM

Organização

MUQ
universidade das
Quebras
ufrj





Um Nordeste Pra Cada Um

Esta publicação é uma realização do MUQ- Coletivo Mulheres Nas Quebradas, da Universidade das Quebradas, execução do PACC/Letras/UFRJ.

Equipe MUQ

Coordenação, orientação e supervisão

Heloisa Teixeira

Idealização e Concepção

Rozzi Brasil

Giselle Parno Guimarães

Heloisa Teixeira

Editoras

Rozzi Brasil

Drica Madeira

Capa

Fernando Ferreira

Lucas Freitas

Ilustração

Gilda Portella

Jacqueline Meire Santos

Diagramação

Natalia flores

Equipe de revisores

Drica Mdeira

Landa Araújo Moreira

Lourdes Maria

Simone Silva

Condução dos encontros

Drica Madeira

Lourdes Maria

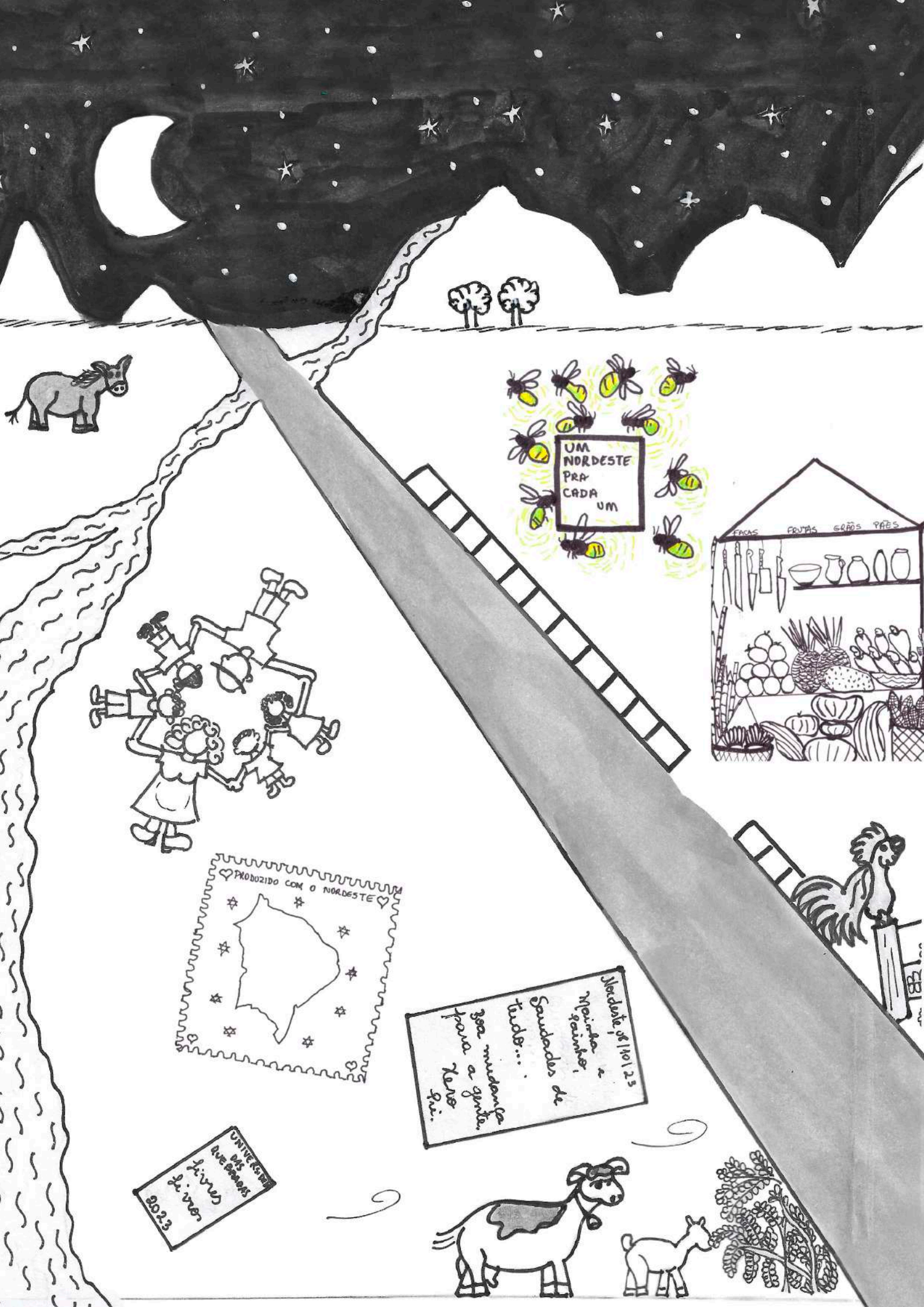
Secretaria Geral

Rosangela Gomes

Apoio Administrativo

Liane Boente

Sandra Cordeiro



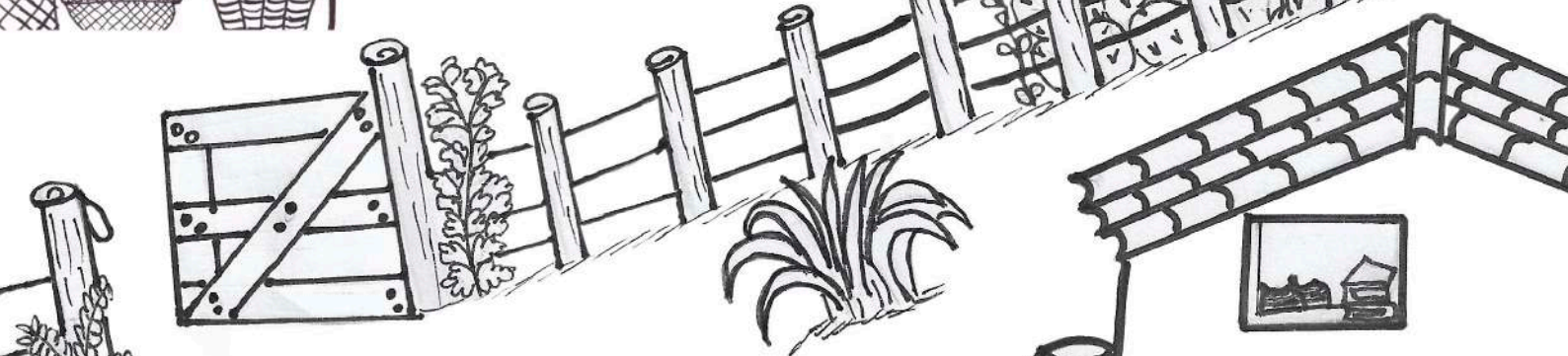
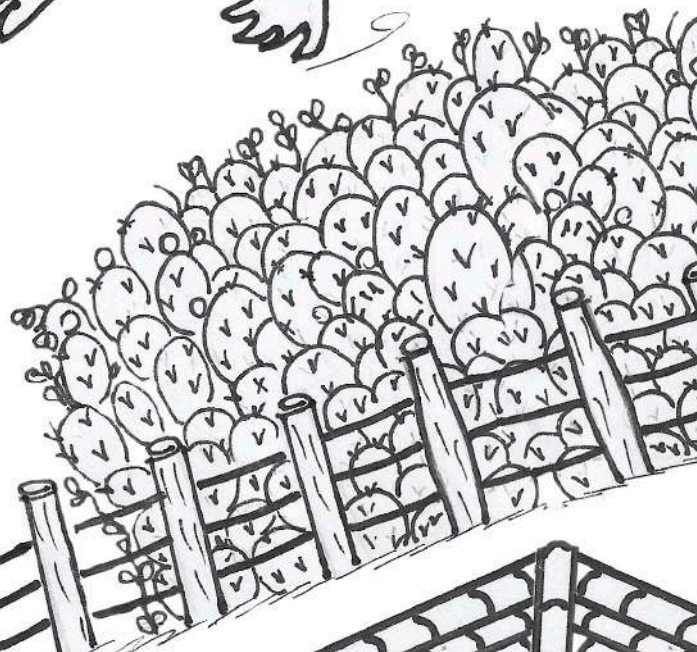
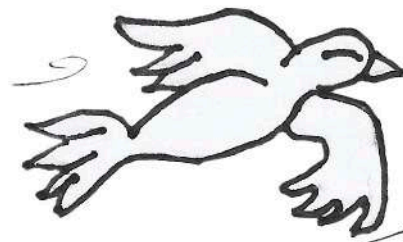
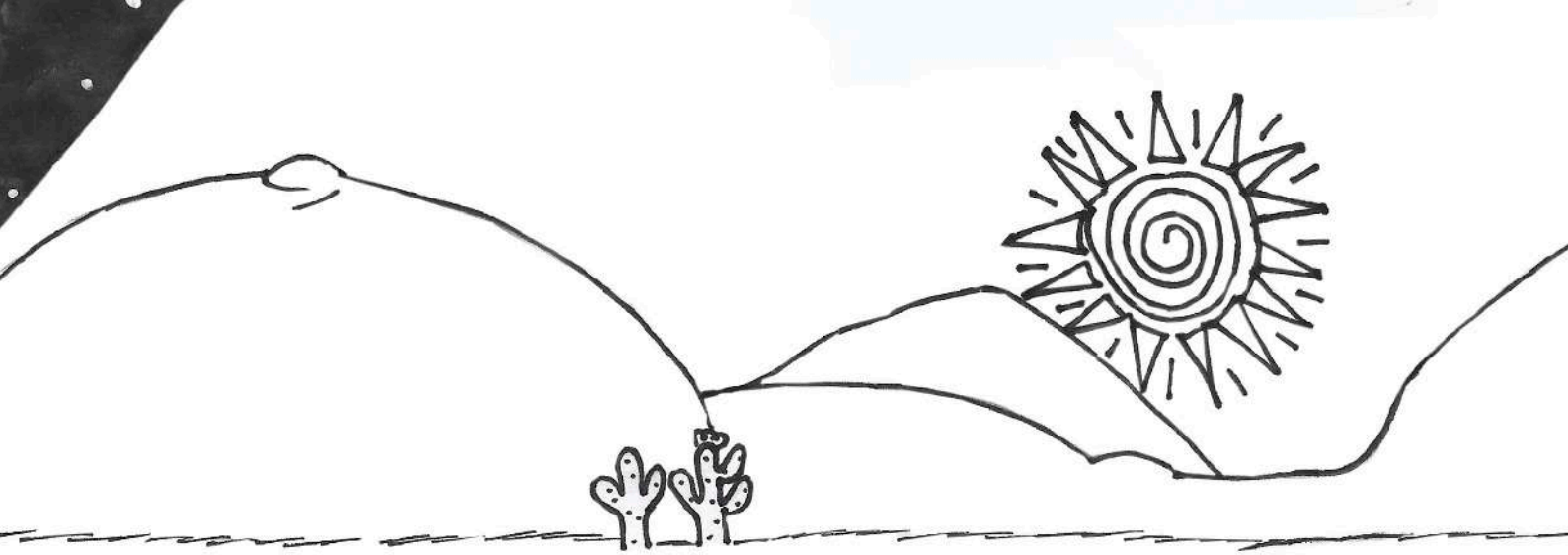
UM
NORDESTE
PRA
CADA
UM

PRODUZIDO COM O NORDESTE

Saudades de
meu
gostinho,
tudo...
boa mudança
para a gente
tudo
qui.

UNIVERSIDADE
DE
LIVROS
DE
LIVROS
2023

FRACAS FRUTAS GRÃOS TÃES



APRESENTAÇÃO

Olá!

Com muita alegria que entregamos a você este ebook, produto do **Ate-liê de Leitura & Escrita #LivresLivros**, idealizado pelo coletivo **MUQ-Mulheres nas Quebradas**. Este ano o projeto contou com algumas novidades, a primeira delas é que apesar de ser um idealizado por e para mulheres, nesta edição, aceitamos a inscrição de homens! Por ter sido uma das oficinas elegíveis da Universidade das Quebradas, apostamos na possibilidade de colocar em prática o que preconiza bell hooks em o *“feminismo é para todo mundo”*, o que culminou numa experiência bastante feliz e enriquecedora. O #LL é um projeto de literatura feminista principalmente!

A outra novidade, foi a temática, a Universidade das Quebradas 2023 abordou o Nordeste, com destaque para a produção literária e audiovisual. A migração e inserção dessa cultura e a (re)forma(ção) resultada desse amálgama cultural, a visão eternamente de periferia (em nível de preconceito) que se tem disso tudo compuseram o cenário do curso.

Dentro desse contexto, foi através de um gatilho sensorial para o estímulo da escrita, uma xilogravura do artista J.Borges, que construímos nossa publicação. Confúcio disse: “Uma imagem vale mais que mil palavras”, Millor Fernandes ressignificou: “Uma imagem vale por mil palavras, mas diga isso sem as palavras”. E isso explica, em parte, a importância de em um momento em que a grande estrela, alavancada pelas redes sociais, são os recursos audiovisuais, apostarmos na xilogravura como mobilizador.

Faz alguns anos que estamos na lida para que aquelas e aqueles que escrevem, por razões históricas, envergonhados, autorizem-se a escrever e oferecer ao mundo essas escritas. E, se para o percurso de 2022 utilizamos o slogan *“Sua é escrita, registro e história: PROTAGONIZE”* e a publicação teve como mote o trabalho de Ana Costa e Zélia Duncan *“Eu sou mulher, eu sou feliz”*, na trajetória atual, reforçamos nosso mantra: “Autorize-se a escrever”. Para tanto, além de discutir escritas com caráter periférico, seja pelas autoras, personagens ou estilos, trabalhamos a citada xilogravura, genuinamente nordestina, que moveu o imaginário e experiências de cada coautor(a) e batizando a obra - amparadas em um meme carioca “um sol para cada um” - com o nome sugestivo “UM NORDESTE PRA CADA UM”!

Rozzi Brasil

Escritora, fotógrafa, professora, cineasta, designer e Mestre Quebradeira da edição 2019



ADRIANA FARIAS

Sou Adriana Farias,
mulher recém-liberta
do cárcere imposto
pelo patriarcado.
Em busca
da minha melhor
versão.

CHEGADAS E PARTIDAS

O que leva uma pessoa a mudar de casa?

Toda vez que vejo uma mudança na rua, me vem esta pergunta à mente.

Confesso que, atualmente, tenho pavor de trocar de casa. O que mais me apavora é ter que mexer em coisas que nem faço ideia de que tenho. Lidar com lembranças em cada foto encontrada, com dedicatórias que ficaram amareladas com o passar do tempo. E além de ter que encaixotar tudo, passei dias tentando encontrar algum objeto que julgo ser de primeira necessidade no emaranhado de caixas.

O que está posto, parece ser mais confortável. Por instinto, entendo quando procrastinamos uma mudança... Se algo nos tira da estabilidade, logo, abandonamos. A autossabotagem não é consciente, mas requer coragem para vencê-la.

Por muito tempo, senti medo de arriscar um passo gigante, por exemplo, de trocar de cidade. Quantas vezes desisti de um ousado projeto? Venci a crença limitante de ser incapaz de ousar, investindo no autoconhecimento. Percebi que sempre sonhei sonhos alheios. Desperdicei muitos anos, vivendo no piloto automático, cumprindo um papel atribuído a mim. Não me sentia completa, tinha a sensação de que algo me faltava. Vivía numa constante angústia que não conseguia descrever. Buscava no externo a solução para a dor que sentia.

Cheguei a mudar de residência três vezes, dentro da mesma cidade, para encontrar a felicidade que julgava estar no campo material. A primeira vez fui motivada pela alegria de morar num espaço maior. Tinha poucas coisas para muito espaço. Na segunda vez, caí na armadilha de contratar pessoas despreparadas para desmontar os meus móveis. Literalmente perdi tudo. Na terceira vez, não desmontei móveis, resolvi desapegar das coisas antes do dia D

Após estas três experiências, aprendi o real valor do minimalismo. Atualmente, só tenho o necessário, vivo a vida dentro das minhas possibilidades, respeitando os meus valores. O menos é mais. Tenho poucos móveis, roupas e acessórios. Por muitas vezes, realizei compras de produtos supérfluos para ser aceita num círculo social.

Sempre imagino, quando vejo uma família se mudando, quais os fatores estruturais e estruturantes, subjetivos e objetivos que culminaram na busca por um novo lar. Deixar amigos, vizinhos, rotina para se lançar ao novo, não é fácil. Apesar das adversidades, colocar-se em movimento é importante. Experimentar outras possibilidades é gostoso e requer coragem. De longe, fico na torcida pelo sucesso de todos que ousam se lançar ao novo. O caminho se aprende caminhando.



ANNA CARLA ROSA

é graduada e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestra em Sexualidade Humana. É docente da Rede Estadual de Educação do Estado do RJ onde leciona Sociologia. É autora dos livros “É simples Assim”, um livro de contos com protagonismo gay e lésbico publicado em parceria com a Editora Becalet(SP) em 2022 e do Livro Pin(s)cher publicado em parceria com a Editora Viseu (SP) em 2023. Participou das antologias Parto Normal (Editora Feminas,SP); 1001 poetas do início do século XXI (Editora Casa Brasileira de Livros,RS); Volúpia (Editora PerSe,SP); As Manas na Estrada projeto do PACC-UFRJ, ainda sem editora.

Nada Nosso por Anna Carla Rosa

— Mas era tanta alegria, mana. Lembra?

— Não.

— Você agitava os braços, cantava e me agarrava.

— No colo?

— Não, Maria, na cesta. Você e Bento.

— Edjones vinha na barriga, seguro.

— Dando canseira pra mãe.

— Lembra, mana?

— De tanto ouvir falar. Lembrar, não lembro, não.

— Vamos lá?

— É longe. É caro.

— Vamos de carona!

— Pedindo carona? Nunca.

— Vou chamar o Bento, ele vai topar.

— Vai casar. Não vai contigo, não. Vê com o Ed?

— Esse nem sabe o que é aquilo lá.

— Nem você, Valdo. Você lembra, de tanto ouvir falar.

— Eu lembro, sim. Cansei muito e doeu. Eu chorei baixinho.

— Pro pai não ver?

— Ele não olhava para trás e diminuía o passo.

— Pra gente não se perder, Valdo.

— E pra não me ver chorar e a mainha aguentar. Saudades de lá, Maria. Eu quero voltar.

— Pra onde?

— Pra lá.

— Não tem mais ninguém nosso lá.

— Ué, e que tanto parente que nunca parou de chegar? Eles vem de onde?

— Não tem pai nem mãe lá. Guenta aqui. Não tem mais nada nosso lá.

— Nem cá.



ÁLVARO SANTOS

Pesquisador, coreógrafo, professor de dança afro-brasileira com conhecimento específicos em dança contemporânea, dança moderna, expressão corporal, dança popular, habilitação musical, Teatro, dança-teatro, composição coreográfica, arte-educação.

Formação acadêmica: Administração na Faculdade São Luis – Maranhão Pós graduação: Especialização em Cultura Afrobrasileira e Indígena na IPETEC – Rio de Janeiro.

Não se Transporta Dores, só se Carrega Alegrias

E a vida segue, num ritmo calmo, inseparável do futuro que pode estar logo ali. Depois do morro a esperança é o que tem à frente, encarando com ternura as necessidades do tempo, vai João! João de que não se sabe, não importa...Quisera ao menos saber aonde vai; assim como tantos Joãos e Marias de Deus, marcando no solo parte de sua história.

Quanto aos meninos, vão bem e com saúde. Zeca vive com a cabeça nas nuvens, pensando em coisas que não são o trabalho na roça; a Joanhinha, menina danada de olhar pontudo, língua solta, não tolera desaforo. Os gêmeos, José e Mariinha, chegaram com o anúncio (não só de uma estrela, como na historinha que o padre conta), mas sim em uma noite estrelada indicando, tal qual, um grande acontecimento - coisa que enche pai e mãe de orgulho. Eles sempre se divertem admirando cercas intermináveis que os separam das árvores com vastas sombras e pássaros pulando nos galhos, plantações multi-verdeadas, barulho de água fresca correndo.

Quem criou esse mundo o fez bem!

Quem vê esse retrato em preto e branco, movendo-se devagar ao longe sente um rude conforto, pois sabe que para sobreviver “não se transporta dores, só se carrega alegrias”, fazendo os pés ficarem soltos e livres, livres como a fumaça do charuto no ar. Tudo que possuo está comigo, tudo que temos vai com a gente, é um quadro de sentimentos.

Dois agir / duas missões. um Guia que protege e dá força para enfrentar o mal de espírito, o feroz animal, dá coragem para se entregar à morte para defender os seus, pois não se vive sem ter fé; cuidar e vigiar a todos e a tudo, assegurando a retaguarda para mais um futuro, um lugar adiante que às vezes demora para chegar, mas se aprende a não seguir afobado, pois a terra estará sempre lá, para acolher quem tem braços fortes e crença em um dia que vai chegar. “Não se carrega dores, só se transporta alegrias”!



ELIZABETH SOUZA

Mulher parda e mãe solo, moradora da Pavuna-RJ, aposentada do Ministério da Saúde, com licenciatura plena em Artes Plásticas pelo 1º sistema de cotas da UERJ, uma pessoa que circula pela vida experimentando possibilidades e construções.

Imagem / 1

Uma imagem é aquilo que olhamos e, segundo um historiador da arte, é também “o que nos olha”. Vemos e somos vistos por milhões de imagens durante nossa vida. Algumas adesivam-se a nós como uma tatuagem.

Aquela imagem prendeu-se, atou-se a nós. Mais uma? Nova? Não. Regional, tradicional. Ela foi reativada, acordada. Era uma aparição do retirante fugindo da seca com sua família, seus animais e seus pertences mais caros. A essa imagética nomeada de Mudança foram juntando-se outras. Umas novas, outras bem antigas e mais outras de um passado recente.

Dessas últimas, a que voltou com mais força se tratava também de uma mudança. Do trágico, da morte, do medo e da doença para a saúde e a vida. Floriu a esperança. Foram milhões de imagens dela, aquela a ser descartada e desprezada em caixas coletoras de perfurocortantes, contaminadas ou não.

Naquele período fúnebre, ela, agulha, tornou-se uma das coadjuvantes principais e como tal virou celebridade. Imagens, milhões de selfies do vacinado com ela, a mediadora entre a vacina e o corpo humano torna-se um aliado importante à mudança do status quo. Clicks, e mais clicks.

Esperança e mudança poderiam ser conceitos sinônimos. Na mudança, esperança-se que o incômodo e a aflição transmute-se em um bem. Da doença para saúde, da fome para fartura e da solidão para comunidade, congregação.

Conceitos e imagens formam-se no nosso interior, afinam-se, alinham-se diferentemente em cada ser. História, memória, visões de mundo, afetos e preconceitos todos respondem ao que é olhado, visto. Riso, choro, repulsa, amor, desespero estão sentimentos-imagens-mudança.

Hoje, 17/08/2023, uma dessas imagens coladas e gravadas no povo brasileiro, é de um pai levando um pequeno caixão com o corpo de sua filha Eloáh de 5 anos, morta pelo olhar indiferente do Estado. O que vemos é o que nos toca.



CRIS DA ROCHA

Sou Cris da Rocha, nascida em São Gonçalo RJ, 54 anos, com formação em Pedagogia e Especialização em Gestão Escolar. Atuei como coordenadora pedagógica e Orientadora Educacional nos dois segmentos do Ensino Fundamental. Professora de 1 ao 5 ano e de Literatura Infanto Juvenil na rede municipal de Itaboraí por 26 anos e na rede particular por 6 anos. Minhas paixões são a leitura, a escrita, a psicologia, minha família, minhas plantas e meus cães

Outubro/2014

Depois de uma viagem de ônibus, longa e cansativa, cheguei ao Ceará. Passei pelas praias paradisíacas, senti-me decepcionada com tudo que ouvi ao longo da vida por Jordan e Cecília que sempre diziam que no Nordeste só havia pobreza, seca e fome.

Em uma conversa eles disseram que foram visitar seus pais em 1975 e não demoraram nem uma semana de tanta miséria que viram. Os dois disseram que não viram nada de bonito lá, somente bois magérrimos; carência de tudo. Um povo analfabeto que só se alimentava de farinha e água.

Quando cheguei ao Ceará tive o privilégio de conhecer Canoa Quebrada e seu mar morno. Fui recebida por pessoas educadas e preparadas para atendimento ao turista. A forma de falar, seu sotaque próprio e característico, dava vontade de falar como eles. Fui à Praia do Futuro, Barra do Cauípe e vendo tudo isso fui desmistificando o que os irmãos me fizeram acreditar.

O Ceará não é só praia, é repleto de artistas, pessoas criativas como Wesley Safadão que tem mais de 34 milhões de seguidores em redes sociais e Patativa do Assaré, um poeta e repentista muito conhecido.

Se formos falar da arte que encontramos no Nordeste não caberá aqui. O nordestino é conhecido em todo mundo pelo seu jeito de expressar sua cultura através de sua culinária, seu artesanato e seus artistas famosos e anônimos que alegram muito a vida de todos os que passam por lá e pelas mídias sociais também.

Algo que também chamou minha atenção foi a participação do nordeste nas últimas eleições para presidente. O peso dessa participação foi gigante e significativa, pois esse povo entendeu que o presidente anterior era autoritário, fascista, xenófobo, homofóbico e que não dava o devido valor a uma parte do Brasil que sempre fez esse país funcionar. Quando se tem consciência de classe, fica claro quem escolher para representar o país. Quando o povo tem memória, vai lembrar quem trabalhou por eles em tempos difíceis. Isto nas eleições de 2022 foi explícito. O povo nordestino unido na esperança de que nosso Brasil retornaria ao processo de união e reconstrução porque o governo anterior só trouxe problemas.

Sabe o que é mais bonito, o nordestino ama o Nordeste. Eles têm orgulho de onde são e têm uma alegria tão grande que dá vontade de voltar outras vez.



DANIELE ALVES

Filha de Lúcia Regina,
Neta de Anorelino (Caboclo)
e de Morgada (Tucha),
minha mestra da palavra
singularizada e corpórea.
Arte-educadora, musicista,
escritora e professora de filosofia.
Nasci em Campos dos Goytacazes,
onde moro até hoje.

Uma Epifania Preta

Demorou até Dinha ser convencida pelas bisnetas a receber o rapaz que ia entrevistá-la. Ela foi andando meio cabreira até o quintal, lencinho na cabeça à moda das mulheres pretas, bem amarradinho e tampando as orelhas, metida em saia e blusa confortáveis, largas. Na mão um cajado para sustentar seu corpo ainda farto. Dinha olha para o rapaz como bicho espreitando perigo, mas quando assenta todo corpo cor de barro, na cadeira velha de plástico, encara confortável o entrevistador, dominando a coisa toda.

Dinha instintivamente sempre soube, que como mulher preta, mestiça e pobre, poderia conseguir alguma liberdade se apropriando de toda sua corporeidade, ancestralidade, e exercendo seus ofícios de parteira e de rezadeira. No meio da entrevista ela não se faz de rogada, listando os lugares onde tinha feito partos sob o sol ou sob a chuva, partos difíceis ou fáceis, de onde todos, mães e filhos, saíram vivos. E nunca cobrava nada, sempre caridade. O estudante de ciências sociais, inicia a entrevista perguntando-lhe qual era seu nome e fica pasmado com aquela sua voz meio gutural, meio aveludada. Ela tinha sido uma mulher muito bonita, traços brancos, indígenas e negros. Ela ainda é bonita, os olhos com um lume de bicho e de água temperada pelo sereno e pelo luar ao mesmo tempo... olhos abissais, mas de ternura pelo mundo, ternura do tamanho do mundo. O rapaz também preto, embora novo e intelectual, sentia e entendia o que ela sentia e emanava.

Ela seguia agora mais à vontade ainda, contando das curas que tinha realizado, das mudanças do lugar, desmatamento, por exemplo, ‘‘agora se a gente quer comer um tatu, um gambá, já não tem, não tem mais árvore, é a árvore que puxa a chuva do céu, sem árvore não tem chuva’’.

Essa consciência da vida como teia, como luta, ela teve mais profundamente, quando um de seus netos morreu afogado numa lagoa em época de chuva e cheia. Dinha permaneceu muito tempo no luto, definiu, todo mundo achou que ela não ia aguentar a tristeza daquela perda, ela que salvou tanta gente, que fez tanta caridade, receber uma praga daquela. Mas era preciso que ela enfrentasse aquelas águas, que se reconciliasse com elas, porque são as águas que trazem às crianças à vida, mesmo que eventualmente as leve de volta. Então num dia de ausência de sol, Dinha entrou na lagoa com a roupa do corpo, pensaram, endoidou, vai fazer uma besteira, mas na parte rasa mesmo, se deitou de bruços, foi passando a mão naquela areia preta e fina, nas pedrinhas... a opressão que o céu carregado com aquela água turva exercia sobre ela, foi lentamente cessando, enquanto Dinha sentia sob seu corpo, toda a existência dos mortos naquele charco, era como se uma mortalha pesada de lama a envolvesse, mas não era de uma densidade opressora mais, ou triste, era só um outro tipo de encontro com vida com o que vive na morte e apesar da morte. Daquele dia em diante, não chorou mais o neto, não chorou mais nada...



DÉBORA SALES

42 anos, esposa, mãe, 38 mudanças de endereço, cearense, graduada em Direito pela Universidade Federal do Ceará, oficial de justiça, corredora amadora, apaixonada por boas histórias e apreciadora de café.

Jurema

O trajeto era longo, cerca de setenta quilômetros. Precisávamos sair antes de o céu se transmutar de negrume estrelado para nuances de rosa alaranjado. Meu pai, Antônio, há dias preparava o gado para essa travessia, oferecendo-lhe forragem em dobro. Minha mãe, Maria Paz, estocava farinha, paçoca, feijão e peças de queijos para nossa alimentação. Os jumentos transportariam, nas cangalhas, os barris de água, retirada do Riacho do Algodão. Naquele ano, especificamente, a viagem seria mais lenta, pois não tardaria para o neném nascer.

Todos os anos, durante o inverno, minha família fazia morada na Fazenda Jurema, localizada no sertão cearense, próximo ao distrito de Tapera. Somente muito tempo depois, soube que “taperoá” é um tipo de andorinha branca de cabeça, cauda e asas negras, e “aba” significa homem ou índio, portanto “homem das andorinhas”, em referência ao cacique da tribo dos índios Canindés, que habitavam aquela região.

Antes de o verão se instalar, mudávamos para um sítio, de casinha simplória, ao pé da serra de Uruburetama, onde o clima e a vivência eram mais amenos, neste período. No sertão, o prelúdio de inverno com fartura é a chuva intensa que cai no dia de São José. Não foi o que ocorreu naquele ano; apenas chuvisco fino com o propósito de Deus nos presentear com dois arco-íris no céu, simultaneamente; um bem vivaz, o outro, translúcido. O açude não “sangrou”; os baixios, brejos causados pelas vazantes, com as plantações de frutas não suportariam até o ano seguinte. Teríamos, portanto, que antecipar nossa ida para o sítio, na região serrana. O gado sempre era levado conosco. Já os bodes ficavam na fazenda, a cargo do nosso vizinho, para serem alimentados com a palma, uma espécie de cacto usado para esse fim, em tempos de seca. Quem não tinha para onde fugir, durante o verão, estava destinado a suportar as rajadas de vento de areia, a mudança da vegetação e a terra rachada, pelos meses seguintes.

A estrela D'alva reluzia quando fechamos a porteira da fazenda. Os menores cochilavam, ainda sonâmbulos, na cangalha, ao trotar lento dos jumentos. Olhei para a Serra das Almas, no horizonte, ainda havia névoa no cume, e me despedi, com uma saudade antecipada. Com um par de horas de caminhada, passamos pela imensa Pedra da Andorinha e vimos a revoada de milhares de avezinhas, que faziam daquele lugar seu santuário de morada. Paramos no açude Sonrisal para a pequena boiada se refrescar e tomarmos banho. O açude ganhou esse apelido porque era o local onde os cachaceiros da região se curavam da ressaca. Seguimos até o sol ficar a pino e buscamos abrigo embaixo dos pés de algaroba, onde permanecemos tão somente até a quentura abrandar e, em seguida, prosseguirmos. O prenúncio do luar indicava que era hora de pedir dormida nas casas dos conhecidos da região: os alpendres apinhados de redes e crianças, o gado no curral, comida no fogão a lenha, gente contando casos de cobras ou cachorros do mato atacando os rebanhos. Outros, mais afoitos, afirmavam ter sido atacados por jaguatiricas. Invariavelmente, a conversa era encerrada quando alguém lembrava a época do cangaço, pois o “bicho homem” pode ser ainda mais perverso que o “bicho bicho”. Na dúvida, espingarda era instrumento necessário em caso de ataques inesperados.

Desse modo, continuamos durante dias, até alcançar nosso pequeno sítio, ao pé da serra. Nosso verão ali era de fontes de água aprazíveis, plantio farto de banana e milho e os adoráveis engenhos de cana-de-açúcar. Foi o período mais feliz da minha vida: a minha infância.



DENISE CASSIANO DOS SANTOS

Mulher negra nordestina, mãe e pedagoga, natural de Salvador/Ba, migrou para a cidade de Santo Amaro em 2015 motivada pela educação. Formada pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED) onde atua como professora no Distrito de Oliveira dos Campinhos. Pela segunda vez publicando seus escritos. Percebe a leitura e a escrita como refúgio para trilhar novos caminhos.

A feira: vivências do Nordeste

Era quatro da manhã, o galo já dava indícios que um novo dia estava nascendo na zona rural de Sergipe. Dona Josefa ajeitava as marmitas das suas crias, um punhado de farinha em cada vasilhame e um pedaço de carne seca era tudo o que tinha para passar mais uma manhã na feira. Tudo apertado, corria para chamar as crianças.

— Levanta Edberto, adianta!

— Vamos Lourdes, se aprume que já vamos sair!

— Luzia, calça o chinelo, rumbora!

— Oh Heráclito, ajuda aqui com as crianças!

Seu Heráclito logo tratava de ajeitar o burro, colocava Edberto escanchado no lombo do coitado, as mercadorias arrumadas no caçuré dividiam espaço com duas das suas crianças, estas não pareciam muito felizes, afinal, acordar com o dia raiando não era a melhor opção, mesmo sabendo que fazia parte da lida diária.

O caminho era longo até a feira, assim como a fé e a esperança que nutria cada amanhecer daquela família. Mais à frente o burro relutava em empacar no meio da estrada, sabia ele que o dia não seria tão maravilhoso o quanto esperava. Seu Heráclito já meio sem paciência, tentava puxá-lo, mas não obtinha muito sucesso, passava o braço sobre o seu pescoço e cochichava algo em seu ouvido. O burro fazia pouco caso, nem saía do lugar. Já soltando fogo pelas ventas seu Heráclito foi até o caçuré pegou um sabugo de milho e assim foi guiando o burro até chegar a feira.

Ah! A feira! Era o espaço de múltiplas vivências, era ali que seu Heráclito e Dona Josefa com ajuda dos filhos montavam a sua barraca, era ali, que trocava, vendia, negociava seus produtos junto aos outros feirantes, era naquele espaço que desaguava suas angústias e alegrias sobre o maternar, que conhecia pessoas, histórias, labutas que se aproximavam e que também distanciavam das suas vivências.

As crianças passeavam entre as barracas, buscavam se manter ocupadas ajudando dona Josefa na venda de produtos, prestavam favores, carregando compras e se deliciavam com a degustação de uma fruta ou outra que recebiam enquanto fitavam a barraquinha de pastel com caldo de cana. Dona Josefa atenta as crias, ria das suas peraltices e acenava com a mão chamando-as.

— Vamos Luzia! Anda Edberto! Oh Lourdes, adianta!

O relógio marcava exatamente às onze da manhã, momento de recolher o que sobrou dos produtos, ajeitar as crianças no caçuré e pegar a estrada de volta para casa.

Um outro espaço de novas vivências estavam por esperá-las. A Escola. Os olhos das crianças se enchiam de alegria, afinal sempre é tempo de esperar.



FERNANDO FERREIRA

Eu sou Fernando Antonio Almeida Ferreira , 51 anos, natural de Fortaleza - Ceará, onde aprendi tudo para sobreviver longe da família e amigos com a arte da capoeira. Cheguei no Rio de Janeiro, mas moro em São Gonçalo. Morei em Nova Friburgo e viajei alguns países para mostrar a arte brasileira. Também sou fotógrafo e estou de volta a São Gonçalo .

Éramos 11

Vou falar. Mas nem vi direito como foi que saímos lá da terrinha, pois naquele tempo eu ainda estava no bucho de mãezinha. Era por que quando seu Borges fez a xilogravura, só ele lembrou de mim, pois mãezinha nem tinha falado pra ninguém. Acho que foi Padim Padi Cícero que falou, ou então alguém de lá! Porque o povo de lá adorava manganhar dos outros, ainda mais da gente que não tinha onde cair morto.

Mas veio todos para cá pro Cariri. Paizim, Maezinha, Maninho, Viviane e Fabiano, Franklin e Eu. Aí também veio a graúna e o galo campina, o Hulk, que era o cachorro de Maninho, e o jumento, que Paizinho o chamava de “Suvaco de aleijado”.

Vixe..., foi sofrimento viu, pense...!

Não tinha nada mais, só a fé que se a oportunidade chegasse a gente tinha que aceitar.

A primeira que foi embora foi a graúna, pois ela cantava muito e conseguimos comida durante alguns dias. Depois o galo campina, que paizim vendeu também porque já estava entitelado. Mas nem sei direitinho, pois acho que ele trocou por fumo ...ele gostava de um cigarro de fumo... acho que ele ficou tossindo tanto que parecia até o Hulk latindo.

Mas, o Jumento que ele não quis se desfazer. Como dizia Luiz, o rei do baião, “o Jumento é nosso irmão”. Eu lembro que todos casaram e o Jumento ainda tava lá na casa de Paizinho.

Eu acho que depois que o jumento morreu, só sobrou um espelho que um português ofereceu a Paizinho pela espingarda dele.

Acho que a espingarda valia mais, mas como tudo que a gente tem, os outros dão preço, e como a gente tá sempre de passagem mesmo e como dizem os mais antigos, “lá no céu vai quem merece, mas na terra vale quem tem...”, e eles nos dão menos do que vale. Pois só tem valor o que é nosso depois que não nos pertence mais.



GILDA PORTELLA

Gilda Portella – sacerdotisa de Umbanda, multiartista, mestranda PPGECO/UFMT, natural de Barra do Garças-MT, cuiabana há trinta e cinco anos. Publica seu primeiro livro em 2023: (Des)nudas, sangue e gozo. No ano de 2022 recebeu menção honrosa na categoria novos autores do Prêmio Maria Firmina de Literatura e foi selecionada pelo Flup/RJ com Cartas para Esperança. Em 2021 foi selecionada I Prêmio Rodivaldo Ribeiro de Literatura. <https://www.instagram.com/gildaportellaart/>

Julião

Atendo pelo nome de Julião. Não conheço outro não. Julião, isso sim, que é nome de cabra macho. Gosto dos nomes de Severino, Januário, Jerônimo, isso é que é nome de homem. Chapéu de couro segura a cabeça, ori coureia[1] aboios. Tabacolheiro[2] estaca os quatros cantos. Minha pele escura se estica por volta de um metro e cinquenta e três centímetros. Arrudiada nos pelos e plumas. Entocaiada entre cipós e guizó.

Para que mais do que isso? Sou mais eu, muito mais eu, que muito homem de metro de oitenta, sem serventia. Desse tiro um dedo de couro sem derramar uma gota de sangue. Uma tirinha só, de cima, em baixo.

Nunca precisei ler letras em papéis. Abri meus negros olhos neste mundão de meu Deus e Padim Padê Ciço, li de tudo que há no livro das criações, das coisas e do bicho homem. Li de trás para a frente, as vezes foi preciso virar do avesso, outras coisas tive que desler. Fiz a desfeitura da leitura. Como desfazer nós, laçadas e encrencas. Pelas observâncias aprendi que tem bicho que é mais humano que muito homem. Tem uns que já andam e falam, mas, valem menos que formiga de asa.

Treinei os ouvidos, os olhos, o nariz e a boca até virarem embornal. Os meus pertences carrego todos dentro duma boroquinha[3]. Quando encontro um caracol busco semelhanças. O mundo é feito boca que engole tudo. O sertão é tudo que a vida dá. Lá tem olhos que tudo vê, tem boca que tudo fala, vento que tudo avisa. Na cabaça tem todas as respostas, dia, noite, os destinos de pia e cruz. Por essas andanças mudas, por mudanças a sertã[4] dança, o sertão janela anuncia: não confie em tudo.

Aprendi cedo que comida boa deve ser amarga, jurubeba, amaruja[5] e jiló. Leite com raspa de chifre queimado serve para todos os males. Que se agente for muito bonzinho, os outros fazem agente de bocó. Banco cara amarrada, cismada para impor medo e manter a pisa e arruaça longe. Sempre tive fama de bravo, muitos me temem. Não arreio ninguém. Só tenho medo do castigo de Deus e morte matada. Fico molinho como o som da zabumba. Quando ouvi uma de minhas crias me chamar de “Painho” debulhei em lágrimas. Descobri possuir o maior “tesoiro”.

Minha alma espraia feito rio no tempo das águas, correndo por outros trechos. O vento que sacode as capas dos cordéis engala as feiras, me anui a voar.

[1] Coureia – chapéu de couro, couro entre as orelhas (oreias).

[2] Tabacolheiro- junção das palavras de tabaco com palheiro (cigarro de palha).

[3] Boroquinha – bolsa pequena usada a tira colo..

[4] A sertã- referência a natureza no feminino.

[5] Amaruja- fava tem que saber tirar o amargor para cozinhar



GUSTAVO DE CARVALHO

Gustavo de Carvalho
é um artista visual
que usa a moda
como ferramenta
de resistência,
reinventando signos
da cultura brasileira.
Suas criações possuem
personalidade e provocação,
e já foram desfiladas no Brasil,
Chile, Espanha, Portugal e Estados Unidos.

Saudades

A data já estava marcada, e depois da
noite de São João, chegou a mudança.

Vestindo roupas pretas, bem alinha-
das, e usando acessórios combinan-
do, fomos a família toda para Recife.

Depois de dias, estávamos com a praia
de Boa Viagem no nosso horizonte, onde
um sopro de ar novo nos atravessava.

Já naquele primeiro carnaval, a ale-
gria do frevo transformou as crianças,
e até os animais de estimação também.

Mas mesmo hoje, tantos anos após a estrada, eu
ainda guardo nas malas o amor por aquele sertão.



JACQUE MEIRE

natural de Itabuna/Ba, graduada em Pedagogia, Pós-graduada em Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação, Mestre em Educação e Contemporaneidade pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade-PPGEDUC (UNEB). Consultora, pesquisadora, educadora popular e professora. Escritora, poeta e ilustradora. Logrou o quinto lugar no Concurso de Literatura Erótica Kama (2019) da Editora Cogito. Tem textos publicados em formato físico e e-book em antologias de contos e poesia desde 2019, no Brasil e em outros países, e pretende seguir contando histórias para quem quiser ler. Participou da obra *As Manas na estrada* -Livro eletrônico -Organização Coletivo de Mulheres nas Quebradas da PACC/UFRJ (2022). Autora e ilustradora de “*Luiz Rei*” é seu primeiro livro infanto-juvenil.

Mudança de Sertanejo

Éramos cinco no dia da saída, quatro filhos nascidos, outro na barriga, mas este ainda não contava. Mais quatro animais do coração, mãe e pai. Sim, sair era difícil para todos.

Fomos em marcha até chegar na estrada que faz curva ao pé do morro. Pai seguiu com a espingarda, vai lá que encontrasse uma preá desavisada. Mãe botou gêmeos no caçuí[1], eles gostavam., o Jerico também.

Meu irmão e eu fomos descalços. Sapatos na capanga junto do estilingue e do celular. Queríamos sentir a grama, a terra e até as pedras com os pés uma última vez.

No meu braço ia o tesouro no velho baú de vó. Não queria perder, poderiam cair e brotar antes da hora. Tesouro-herança de voinha e voinho. sementes crioulas.

Estávamos mudando por minha causa. Mãe quis, painho apoiou, quando eles decidiram organizaram tudo. Eu até senti um frio na espinha sobre o tamanho do amor.

Quando eu fui estudar no Instituto Federal saímos em marcha do nosso sertão como se andar devagar pudesse guardar algo mais na memória.

Assim que chegamos na caminhonete acomodamos as crianças e os animais no reboque.

As sementes seriam a continuidade da vida que tínhamos para uma nova na terrinha perto do mar e da minha escola.

[1] Caçuí: cesto, geralmente de cipó ou palha.



LANDA ARAÚJO

Filha de nordestinos e morou por trinta anos na Rocinha, comunidade localizada na zona sul do Rio de Janeiro. Fez teatro por uma década, é mãe do Miguel, jornalista, assessora de imprensa e mestre em Memória e Acervos pela Fundação Casa de Rui Barbosa. Atualmente mora em São Gonçalo e escreve poemas quando pode. Ela adora estar com amigos, ver séries agarradinha com o filhote e trabalhar com comunicação.

A Vida Passa, NORDESTINO

Desorientado. Padaria. Rocinha. Família. Pulmão. Nordeste. Essas palavras pinçalam a minha vida e ultimamente de forma latente. Saí de uma luta pela recuperação de meu pai de forma vitoriosa – se é que assim posso dizer. Viver 82 dias de forma intensa dentro de um hospital não foi fácil, mas mesmo no contexto em que o Zé Maria levava todo dia uma pessoa para o outro plano e o temor do nome do meu pai está em sua agenda fez com que eu amadurecesse de forma rápida. Fiz amizades, acompanhei dores e parei para pensar – “Será muito triste se meu pai se for, sem ter curtido nem um cadinho da vida”, talvez não seja assim que ele se enxergue, mas é assim que o vejo.

O menino que nasceu na Paraíba, sendo o mais velho de sete irmãos, teve que ser o dono de casa aos 12 anos, meu avô trabalhava a semana toda em obra e a minha avó, separada, foi para São Paulo deixando os filhos no Rio de Janeiro. Ao me deparar com esse homem, arrimo de família, protetor, o que não teme e segue a vida enfrentando os desafios sem pestanejar, tendo a saúde comprometida, penso - Que desafios? Ser um escravo moderno? Meu pai sempre trabalhou muito, sábado e domingo nunca foram dias de folga. “Padaria é fogo!”, ele dizia.

No seu último emprego ficou por mais de vinte anos, exausto, acordando às duas da manhã todos os dias, perdendo a sua vida em prol de um patrão que vai pra Disney todo ano. E, o que ele poderia fazer de diferente? Nada. Nós reproduzimos essa cultura do servir ao outro para pagar os boletos, de geração em geração.

Meu pai, tão jovem, tão cheio de alegria, precisando de médicos e aguardando o tal do sistema de atendimento. Ali, a gente percebe que esse mundo cão não é para amadores. Vivemos para parar de trabalhar e ter que cuidar da saúde que foi acabada durante o trabalho. Quem não tem um trabalho formal não é considerado responsável pela sociedade. E seguimos, nos cobrando parâmetros impostos desde a colonização, deixando a saúde de lado, nos matando aos poucos e tendo vícios.

A vida desse nordestino não foi fácil não. Desde muito novo ele sempre teve que trabalhar para ter o que comer, vendia biscoitos com meu avô, engraxava sapatos, pegava água de maquiagem na bica da Rocinha, com as latas com cabos de madeira que ele mesmo prendia, para buscar o líquido mais precioso de nossas vidas. Era uma criança com pura responsabilidade e nada mudou, ao ponto de eu observar a sua vida pessoal se esvaindo e ele imerso em dar conta do trabalho que lhe tirou a vida social, o lazer, os hobbies. Ao ficar desempregado eu vi nos olhos dele a decepção de não

ter com o que se ocupar e o medo de não conseguir suprir a própria vida, nesse contexto todos ficamos presos em um limbo de necessidade financeira que interfere completamente em nosso emocional.

Meu pai é exemplo, e um dos bons – o fato de ter traído minha mãe não me tirou a admiração pelo homem bom que é, sempre ajudando o outro. Fiquei muito mais reflexiva nesta questão ao me deparar com um homem de 66 anos que mal curtiu a vida quase perdê-la em um hospital, em um CTI, uma entubação. Entre, vindas e idas da Paraíba ao Rio de Janeiro, ele cortejou a minha mãe, filha de sua tia, uma adolescente ainda, com apenas 16 anos, ele não era tão mais velho não, tinha 19. E lá se foram jovens recém-casados. Um ano depois eu nasci na Rocinha, local onde chegaram, moraram na casa de outras pessoas, recompensando o favor em forma de trabalho, de arrumação, de ajuda de custo, enfim...até eles chegarem no barraquinho deles, literalmente, foi muita luta e conquistas.

Sua história não terminou não, ele saiu vencedor dessa situação de saúde e eu espero continuar vendo esse nordestino conquistar sua vida, a qual foi perdida em inúmeras responsabilidades e cobranças. Ele, eu, você, todos nós nesse lugar de batalha diária.



LEDA LESSA

Cantora, atriz e cantadora de histórias, desenvolveu o primeiro projeto de histórias musicadas da escritora Sylvia Orthof, que seguiu em cartaz durante 13 anos. Com esse projeto, circulou por diferentes cidades, realizando apresentações em festivais literários, escolas da rede pública e privada, unidades do SESC e do SESI e secretarias de cultura e educação. Em paralelo, desenvolveu diversos outros trabalhos de pesquisa e montagem de espetáculos musicais temáticos, voltados para o público infanto-juvenil, adulto e para a terceira idade. Hoje, tem se dedicado também à escrita criativa.

Dalila e Zé Sapateiro

Seu José Luís Ferreira tinha orgulho de carregar o nome de sua mãe, mas acabou sendo conhecido pela profissão de seu pai Zé Sapateiro.

Muito cedo havia aprendido a profissão por exigência do velho que já não se sentia com forças para seguir sozinho.

Ficava no balcão da lojinha sonhando, saíria daquele lugarejo para estudar e ter uma vida melhor. Aconteceu que numa manhã de domingo, no final da missa, aos 17 anos, Zé esbarrou na moça mais bonita que seus olhos jamais tinham visto. O coração disparou, as pernas bambearam, a boca ressecou e quando piscou, estava no altar com aquele anjo de formosura, Dalila, amor para uma vida.

O pai lhe entregou a oficina para tocar sozinho e garantir o sustento da esposa e dos filhos que logo chegariam. Ele assumiu o negócio, sem esquecer do sonho.

Dalila, jovem e recatada, falava pouco, estava feliz com a vida que levava ao lado de seu Zé, dos três filhos e do bebe que carregava no ventre.

Numa noite de verão, sentaram na varanda para conversar. Dalila e José falaram do futuro das crianças e do lugarejo onde viviam, onde até as horas pareciam não ter pressa para passar.

Dalila, com a cabeça recostada no ombro de José, ousou falar de seus sonhos. Fora educada para casar e não para estudar, como sempre desejou. Queria ser professora. Nesse momento pode ver um brilho no olhar de seu marido, um sorriso lindo em seus lábios. Ele pegou carinhosamente sua mão, sem disfarçar a emoção, lhe deu um longo beijo como a muito tempo não fazia e foram se deitar. Ele não conseguiu dormir pensando na conversa surpreendente que teve com Dalila, uma revelação. Ela tranquila, dormia profundamente. Ele fazia cálculos, considerava as consequências, pensava e repensava, inquieto.

Quando amanheceu, num sobressalto saiu da cama, foi encontrar a mulher na cozinha preparando o café. Se olharam com cumplicidade e conversaram. Dalila lhe revelou que tinha guardado uma boa quantia em dinheiro o suficiente para garantir o sustento da família por um ano. Ele venderia sua parte na oficina e duas vacas que possuía.

Estava decidido.

Quem tem sonhos, tem pressa!

**QUEM
TEM
SONHOS,
TEM
PRESSA!**



LUCAS FREITAS

Madalena, Iara, Palmira, Zé, Celestino, Paulinho, Kátia. Todo respeito aos que vieram antes. Sou o Lucas Freitas, multi artista com tanta coisa dentro de mim que busco a cada dia novas formas de me expressar. A escrita vem embalando meu íntimo. E vez ou outra, como esta, entre os meus e as minhas, me sinto seguro pra mostrar ao mundo. Sigo escrevendo e fazendo arte. Mudando o mundo a cada palavra.

Semana Gelada

- Mãe, papai é forte demais. Cansa nunca. Acho que não vou ser como ele.
- Deixa de coisa, menino. Forte é tua irmã, que consegue dizer o que os outros de nós 5 não conseguimos. Que está cansada.

Isso foi no terceiro dia de andança. Debaixo de sol. Rodeados pelo frio da noite. Sem fogo e sem água. Nem sabia que dava pra sentir falta dos dois ao mesmo tempo. Julinha era a única que tinha coragem de pedir pro pai parar. Eu e meus irmãos éramos sempre obedientes. Mamãe era forte, mas sempre baixava a cabeça pro pai. Dizia que ele foi criado diferente, que a gente tinha que entender.

Eu nunca entendi. Mas não tinha coragem de pagar pra ver. Ele era grande. As mãos eram grossas. Tipo pedra. A voz era trovão. A água jorrava da testa. Era o corpo pedindo pra parar. E mesmo assim ele seguia.

Eu comeceia a entender. Julinha não estava fazendo nada demais. A fala dela era de cuidado. Até mesmo com o pai. E o pai seguia o conselho da filha. Mas só depois de ficarem se entreolhando por uns tempos. Parecia desafio de quem piscaria por último. Carcará contra carcará. Ali não tinha presa. Eram dois predadores. Pai e filhote.

Eu entendi. O pai gastou suor demais e os olhos secaram. Piscou primeiro. Levantou uma mão em direção a Julinha e todos nós paramos de respirar. A mão desceu gentil e afagou os cabelos dela.

Ele entendeu. A pressa pra chegar na cidade não valia de nada se a gente não pudesse chegar. Paramos e e sentamos. O sol também sentou. Até o dia cansou. Estrada longa. Sem demarcação. Assim como a teimosia do pai.

Julinha entendeu. Desde cedo mostra pra gente que assim como terra, a gente também tem limites a serem respeitados. Não é porque é pai que pode fazer o que bem entende com a gente. E aos dois anos de idade, numa crise de choro intensa que durou horas, o pai deu umas bofetadas em Julinha. Ela ficou sem olhar pra ele por 7 dias e 7 noites. Até mesmo quando ele tentava dar comida, ela se recusava a comer. Era o que ela conseguia fazer na época pra mostrar que queria ser respeitada.

O pai entendeu. Desde o episódio que apelidamos de “semana gelada”, nunca mais levantou a mão pra ela.

Eu entendi, depois de muito tempo, que não precisava ser como o pai pra ser alguém na vida. E agora, com 12 anos, nem sei o que isso quer dizer. Eu não entendo muitas coisas que meu pai faz. Porque ele faz. Como ele faz. Porque gritar com a mãe? Porque tentar ensinar a gente através da força e do medo? Porque baixar a cabeça pro moço que paga miséria pela nossa roça? Essas relações nunca ficaram claras.

A mãe entende. Ela é sabida. Baixa cabeça pro pai, mas através da conversa consegue o que quer. Anda atrás da gente. Até do burrico Joel. Cuidando. Mesmo com o barrigão de Nitinha. Fala mansa com o pai e convencê de tirar um pedaço do charque pra dividir com a gente.

A gente se entende. O pai ama, mas não sabe demonstrar. E se atrapalha com isso. A mãe ama e cuida. Julinha é diferente demais da gente. Acho que vai ser gente importante. Tipo professora. Eu quero ser como ela. Dar aula na mesma escola. Pra cuidar dela e ela me cuidar.

A gente se acolhe. Se aninha. E forma um bolo de gente e bicho pra dormir quentinho. Nunca tinha acontecido antes. A teimosia do pai fez a gente se perder da casa nova até a cidade. Mas logo a gente se riu. Os olhos pesaram e a última coisa que lembro daquele dia era de ver a Julinha olhando pras estrelas e cantando.

“Tudo isso que tá aí, nem tá mais.

O que passou é lindo, as estrelas, paz.

Pai é leite de rio. Guenta água, pedra, raiz

Filho é cacto arredio. Guenta sol, bicho, é aprendiz

Mãe é água. Preenche o rio, molha planta

A gente junto é mais que mágoa. Se acolhe, ama e levanta “



NATALIA FLORES

Artista visual e escritora da Zona Norte do Rio de Janeiro - RJ, formada em Design gráfico, realidade aumentada, proprietária do Natf Atemporal Studio. Com o seu estilo próprio, traz na pele de sua personagem Molly a ancestralidade através da cor azul. Cor associada ao céu e às divindades pelos antigos egípcios, em conjunto com a tecnologia, colocando alguns elementos tecnológicos nas artes. Natf é o passado e o futuro no presente.

Transformação

Ainda me lembro quando Luíza me pegou com a mão direita, me acariciando com a mão esquerda, soprando a sujeira que havia em mim. Fizemos um longo caminho da fazenda até sua pequena casa, onde ela me banhou, descobrindo todas as minhas formas. Me moldou do seu jeito e me deu a função de proteger sua casa, onde vivia com Luís, seu filho. O marido havia morrido cedo, em um acidente quando algo pontiagudo caiu em sua cabeça, mesmo com o tempo passado, ela não conseguia falar sobre. Mas antes de morrer, ele a ensinou seu ofício e este ensinamento é o que tem garantido o seu sustento e de seu filho.

Nunca gostei do anoitecer, a casa ficava sem vida, gostava de ouvir a Luíza falar e a risada gostosa de Luís. Em uma noite alguém me chutou bem forte, Luíza gritou em desespero, pegou um martelo enorme mandando o homem ir embora. Os vizinhos escutaram toda a confusão, colocando o homem para correr aos gritos de "Oh jagunço, vá embora!". Ele foi embora tentando me levar, Luíza não deixou dando com a panela de barro em sua cabeça. Fazendo-o cantar como uma sanfona bêbada, logo após sair o som de sanfona ele resmungou algo que ninguém entendeu. Os vizinhos disseram que já haviam percebido que o homem estava de olho em mim, passou o dia de guarda na esquina me olhando entre dormidas e goles em sua garrafa de pinga. Admirado por minha beleza e minhas curvas que brilhavam aos olhos de todos, mostrando o quanto Luíza cuidava de mim.

— Você não tem culpa da brutalidade que viu a prosperidade em você, ao ponto de ficar de guarda por um dia inteiro, aguentando o desejo que o rasgava, ao beijar uma garrafa - disse Luíza me pegando com cuidado, pois eu não estava nada bem.

Fui banhada ganhando um novo visual, mas mantendo parte do antigo. Pronta para um tempo onde seria necessário estar bem próxima de Luíza, às vezes até fazia entregas com ela. No intuito de protegê-la, provocava medo só de me olharem, não havendo necessidade de eu agir. Em uma das entregas na fazenda de soja, Luíza conheceu João. Um homem simples que começou a frequentar sua casa até o dia em que não foi mais embora. Tratava Luís como seu filho de sangue, ensinava o menino a jogar futebol e dizia que ele seria jogador. Mas Luís, mesmo muito novo, estava aprendendo com a mãe o ofício do pai, queria continuar seu legado e ajudar sua mãe. Logo Luíza e João tiveram mais filhos, como a família não cabia mais na pequena casa, começaram uma nova jornada.

E mais uma vez, lá fui eu, do pescoço de uma donzela, sendo jogada na terra em uma noite, recolhida da solidão de dia por Luíza, transformada e me transformando, e, na sequência, parte de uma fechadura velha. Hoje abro o caminho para uma família no formato de uma espingarda longa, ao lado de um homem com o seu cigarro queimando. Uma família com crianças nascidas e uma criança ainda não nascida. Poderia ser um fim de uma vida, porém tudo se transforma, hoje você é uma coisa e amanhã será outra, seja por fora ou por dentro. As barreiras que aparecem, somente você pode escolher em que irão se transformar, em algo capaz de ensinar ou destruir. Mesmo com tantas transformações, sempre nos resta a nossa essência, sou a prata que participou e ainda vai participar de muitas histórias, essa é a minha essência.

Modifique, não pare, exista!



PH VIOLANTE

Nascido do Rio de Janeiro, gestor cultural, artista plástico, designer e profissional de licitações públicas e engenharia, integrante do coletivo Make (@make-collection_) de produção musical e audiovisual de rap e trap, produtor executivo do programa estúdio mobília space, do Canal Musicbox Brazil - programa voltado a novos artistas e bandas de música brasileira, já na quinta temporada, integrante da 1ª turma de formação de gestores culturais do mar e aluno da universidade das quebradas - curso de extensão da ufrj.

Mudança de Nordeste

No chão batido de terra, os calos só fazem queimar.

As crianças no lombo do Jegue cansado, pés no casco “descalço”, sem chinelo de couro, a família a pluma, na reta de estrada, esperança e inhaca, uns “suado”, outros “imundo”, sem sombra para descansar.

Raimundo, aluado, seu passado de lado, as “palha” no telhado, pra trás, a casa de barro, pra família o mundo ganhar.

A comida na lata, fria e colada, o leite da cabra, pras crianças tomar.

O Chapéu do cangaço, Napoleão Bonaparte, até os dentes, armado, bacamarte de aço, cigarro enrolado de palha e saudade, sua mulher só faz chorar.

Ela, vestida de pano e pinicando, buchuda de novo, na “bença” da mãe tão amada não conseguia parar de pensar, os irmãos, a roça, que mal saiu já tá sonhando, com um dia, voltar.

Na “quintura” do sertão, uma tal terra prometida, esperança contida de apagar um passado, de “briga”, o sol é de rachar. Indo pra “baixa da égua”, com paz e sem terra, com fé e sem medo, pois a vida vai melhorar.

Ele quer ser vaqueiro com Fazenda de gado, cantador violeiro, dar vida nova a família, que não para de crescer. A caminhada será longa, com fé em algum sonho, sem “esmorece”.



PRISCILA FERRAZ

é uma Carioca suburbana sorridente, apaixonada por arte urbana, cheia de conflitos, boletos pra pagar, mas que sustenta seus rótulos para continuar resistindo e existindo, Graduada em Design, art educadora em formação, colagista, percussionista e comunicadora, chegou nessa oficina achando que não sabia escrever e sai dela com mais um rótulo e até um texto publicado.

Escrevendo a Mudança

Na correnteza agitada dos dias, onde os ventos carregam nossos sonhos e os rios vão trazendo as histórias, me pego vendo de relance essa família sertaneja, eles se chamam “Gomes” que dentre malas, caixas, e agitação para preparar sua partida, tecem sua jornada entre raízes e novos horizontes. uma procissão olhando daqui um atrás do outro, pé ante pé, todo mundo cansado, mas não desesperançado

Deu vontade de contar para vocês os detalhes desse desbravamento, mas me lembrei que pouco sei, no tempo que passamos sendo vizinhos eu não me interessei. Com a vida corrida, acabei evitando as perguntas, e forçando, agora, a memória dos detalhes lembro do barulho na saída dos guris para a escola, no xique xique da vassoura do pai no quintal e o cachorro latindo a plenos pulmões seguindo a mãe pela rua, acabei de lembrar que num fim de tarde que cheguei cansada troquei dois dedos de prosa com a miúda deles no portão e entrei sorrindo, podia ter me estendido, mas de novo não me interessei.

Assim como essa família que só conheço de vista e penso que floresceu, também quero crescer, aprender a escrever, perder o medo do movimento e ser grando-na como a sombra dos cajueiros que tinha na porta deles, construir essas memórias entrelaçadas, como a relação do sopro do vento e a risada dessas crianças a caminho da vida nova.

Penso que tiveram uma vida simples, com casa barulhenta, família grande no quintal, cheiro de café com bolo no fim da tarde e telenovela no anoitecer, oh sorte!! Enquanto sigo carreira solo nessa vida, dormindo e acordando com um livro numa mão e a parceira ansiedade na outra. Tenho certeza de que cada nascer do sol deles era tempo de esperar, fiquei até com um pouco de inveja. Queria ter tido as raízes fortes desses miúdos para me apegar a essas lembranças e estar fortalecida para acolher esse chamado da mudança.

Quem sabe um dia vou me danar a encher balaaios também, pegar meus escritos e vídeos, me jogar nessa estrada, sem me aperrear, sem querer voltar, sem me amedrontar. E aproveito para contar que pouco tempo depois parti, não sei se era a hora certa, mas senti. Larguei o sertão, desbravei a cidade, abandonei o cascalho da rua pelo calcário dos calçadões, aqui faz todo sentido não se interessar.

No meio desse caos mantenho a tranquilidade do sertão em meu coração. Nessa saga que tem sido conseguir sobreviver me igualo a matriarca Gomes gestando o futuro e sigo em transformação gestando projetos e vivências, tento permanecer unida a ela, trocando força, amor e resiliência, como num novelo de lã embolado, só que de lembranças e afetos.

Enquanto escrevo, apago, repenso, insisto e até desisto, imagino o que pensaria essa família, que mesmo sem saber me inspiraram. Eles continuam por lá escrevendo sua história e eu aqui lembrando de onde vim, enquanto me permito florescer no novo solo que escolhi. Boa Mudança para a gente.

Att, Pri Ferraz



SIMONE BARBOSA DA SILVA

Filha, mãe, avó, poetisa, professora com foco no estudo do processo de leitura e escrita com vasta experiência na periferia de Niterói. Artesã, voluntária do projeto Elas Existem. Terapeuta Holística, “rata de sebo”, artista visual. Realizo pesquisa voltada para as relações. Estes caminhos fazem parte de um processo maior de curiosidade e autodidatismo que constituem minha espinha dorsal e me levaram à academia em diferentes momentos, a bibliotecas a todo momento e culminam no Parque Lage neste momento. Arte Cura.

RALAAAAAA

Em meio a um rela bucho na casa de meu cumpadi Tonho, o abestado do Damião, aquele bexiguento, emburacou na cozinha e meteu a mão no guisado de Dona Olinda. A munganga estava formada! Sem leriado ela gritou-

- OXI! Arriba daí!

- Não trisca a mão no meu guisado!!!

Assustado e vexado, Damião jogou rapidamente um pedaço boca a dentro e se esgueirou dali. Os gritos dela alertaram Tonho que disse-

- Arriba antes que eu quebre seu quengo! Que patuscada tu arrumou no canto sagrado de minha mãezinha?!

Assustado com tamanho da confusão o cabra assustado pensou-

- Como eu vou sair desse nó-cego?

Gáudio, fofoqueiro inconformado que estava de brecha fez parar o bailado e em alto e bom som fez o anúncio-

- PARA O SOM QUE A PATUSCADA ESTÁ FORMADA!

- Damião invadiu o santo cantinho de D. Olinda e triscou a mão no guisado.

Todos conheciam a fissura da matriarca pelos feitos e apetrechos da cozinha, então pararam com olhos arregalados. Seu José que comandava a sanfona tratou de amenizar e proclamou-

- Se avexe não, vamo altear o som qui num tem espaço pra sofrente nesse salão.

- Hoje e dia de sarrar meu povo!!!!

Para aumentar o envolvimento do povão foi logo pedindo pro Joselino Tamborete ajudar na missão-

- Joselino meu grandão, pegue lá o trancelim pra gente fazer o primeiro sorteio. E só vai ganhar quem tivé agarradim com seu par bem no meio do salão.

Vexado o homi não perdeu tempo e correu pra pegar o primeiro presente daquele arrasta pé. Voltou com a mão cheia trazendo o trancelim, zabumba e mais dois triângulos para agregar. E depois dos instrumentos compartilhados, começou a versação. Seu José puxava a moda e Joselino dava continuação.

Vamo ouvir a história
de um cabra valentão
que se arriscou na cozinha
arriscando a própria mão

e D Olinda quando viu
Tomo logo a decisão
Enxotou o cara intrão
Tacou panela e colher no coitado
Que se dane esse tal louco

Que se arremeteu no meu guisado
e busca ser castigado
Mas nós aqui não para
O rela bucho e pra assanhar
Rela moço, moça, mocinha
Rela véio, véia, vizinha
Só não mexe com a Dona Olinda
Larga a muié e a cozinha



TEREZA CRISTINA OLIVEIRA

Nasci em Niterói em janeiro de 1961, capricorniana com ascendente em aquário e Lua em peixes. Vivi em São Gonçalo da infância ao início da vida adulta. Agora, resido Niterói. Leciono desde adolescente e me tornei professora. Cursei mestrado em Serviço Social na UERJ. Atuei 30 anos como assistente social e hoje sou Terapeuta Floral. Me reinventei após a aposentadoria. Aos 62 anos, sou avó de uma linda menina e mãe de uma mulher incrível. A escrita em minha vida? Sempre! Embora espalhada em mil gavetas, pastas e arquivos digitais. Descobri a Universidade das Quebradas em 2018 e desde lá estou por aqui, super feliz aprendendo muito!

Só Deus é capaz de julgar

Olha quem vai lá, a Manuela do Zé Catirina. E vai tão cedo num dia de sábado. Com tudo arrumado, criança, embornal, maleta e até o sanhaço e cachorro levam! Andar debaixo desse sol quente, com tanta criança e ainda por cima embuchada, que desatino!

Ouvi dizer que o Zé Catirina perdeu a cabra que tinha de meia com o Tobias. Parece que foi aposta de jogo de futebol.

Manuela deve parir na próxima lua cheia. Daqueles meninos gêmeos quase não botou barriga, só inchou muito as pernas. O corpo era uma finurinha só. Mal desmamou os dois, pega barriga de novo.

Ouvi dizer que ganhou aquele vestido florido da patroa da mãe, pena que não arranhou também uns sapatos, aqueles estão, que nem dão mais remendo.

Parece que estão procurando madrinha para o neném. Mas está difícil, três já rejeitaram. Por certo foram arranjar madrinha pelas bandas de lá. Se eu sou ela, dava pra tal patroa, vai que ela aceita. Seria bom, porque por aqui arranja não. Gente pidona!

Noutro dia passei pela casa de Manuela e Zé, eles estavam cantando e dançando um forró, as crianças caindo na risada. Pareciam tudo feliz.

O maiorzinho brigou na escola, por causa que mangaram do menor e ele defendeu. Penso que já está grande para essas brigas. Parece que são muito unidos. Gente encangada!

Ontem pela manhã aquele jumento saiu desembestado e veio pastar aqui perto de casa. Aí chegou o Zé com um punhado de milho, puxou uma prosa com o bicho e levou ele na maior calma. Sem bulir e sem bater, nunca vi disso.

O domingo já ia quase embora, o sol já dobrava para lá da pedra rachada e a sombra do cajueiro estava completa, refrescando a tarde e propiciando o reencontro da vizinhança que, na falta de coisa melhor para fazer, cuidava da vida alheia. Quando ao longe se vê umas pessoas.

Olha o povo da Manuela, eu não te disse que era visita para pernoite. Pelo visto teve dança, sanfona, repentistas, cordel, prosa, contação de casos, risadaria, muito de comer e de beber.

Você disse sim. Manuela agora vem no jumento. Só podia, naquela lonjura, com o bucho cheio e sapato furado, só amontoando no jumento. Com isso o pobre do menino maior, carrega um gêmeo. Acho que é peso demais para um menino. O certo era o Zé carregar os dois.

Eu não estou vendo o passarinho e a espingarda. Com certeza trocaram tudo por uma nova cabra! Gente esquisita, vão fazendo tudo da cabeça deles, não pedem opinião de ninguém e ainda parecem felizes com a vida que tem.

Enfim, quem sou eu para julgar.

Longe de mim, só Deus é capaz de julgar!



TEREZA ONÃ

Filha de Thereza e Gilson,
neta de Durvalina e Josefa,
mãe de Jéssica e Rafael,
avó de Arthur,
Agatha e Anastácia.

Mulher Negra insurgente de quebrada,
panafricanista, contra colonialista,
facilitadora em discussões sobre a
lei 11.645 em escolas públicas de
territórios de “quilombos”.

Mudança de Sertanejo

É manhã. A família sertaneja de J.Borges desperta para um novo caminhar. A família forte, cheia de saúde e esperança, pode agora realizar o sonho daquela mudança que Zé e Bonita haviam sonhado, lá longe... O nascimento das crianças adiou um pouco seus sonhos. E é justamente a criança que Bonita carrega, ainda na barriga, que desencantou o sonho.

A família segue a pé e cheia de saúde (olha o cachorro!). Levam consigo toda sua vida lá pras terras perto dos parentes. Os parentes de Bonita têm algumas terras perto da cabeceira do querido e velho Chico. Lá se vão Zé e Bonita com seus filhos e cachorro. Levam em suas bagagens muitos sonhos e esperanças, coragem e determinação de viver. Seu burrico leva todos os seus pertences, o mais caro, com certeza, é a vontade de viver e mostrar para os filhos a beleza contida na terra, nas pessoas e nos animais.

Enquanto viajam observam com carinho a riqueza da caatinga.

— Zé! Será que o povo “de baixo” consegue ver a riqueza da caatinga?

— Sei não, Bonita, mas é bom o povo da cidade aprender sobre ela. Saber, pra guardar. A mania de guardar o que nem sabe o que, não tem dado certo pra nenhum de nós.

— Sim, Zé! Olhe o Xique Xique! Já vai dar fruto gostoso e bem roxinho.

— Diz que essa fruta é cara na cidade grande, Bonita. Agora você veja!

A vida do sertanejo e a caatinga caminham juntas pelos sertões do nordeste. A caatinga é um bioma com grande biodiversidade cultural marcado por violações e resistência. A convivência da caatinga com a família sertaneja se vale dos vários conhecimentos herdados por seus ancestrais onde a flora, a fauna, paisagens, solo e clima interagem num balé harmonicamente desafiador. É um outro jeito de pensar e agir na vida. É saber o que plantar e o que colher. Reconhecer a dádiva dos recursos dados e partilhados numa perspectiva e subjetividade que ficam bem distantes da realidade das grandes cidades.

As lembranças sertanejas são povoadas de histórias que constroem e mantêm a estrutura de um povo. Quem é o sertanejo se não se lembra dos casos e histórias contada pelos sertões? Quem não conhece os grandes vultos como Antônio Conselheiro, Dandara, Maria Bonita? Assim vai a família sertaneja em sua viagem de pé, de burrico, dos olhos, dos afetos, sua relação com a natureza onde a simplicidade e seus diversos modos e formas atávicas (ou não) lhe acompanham nesse trajeto de sonhos que logo hão de se concretizar.



VALÉRIA BARBOSA

Sou Valéria Barbosa. Mãe de 3 filhos. Até o momento sou avó de 3 netos, tenho quase 66 anos, durante 47 anos trabalhei com crianças, jovens, idosos e suas famílias, com ações sociais, educacionais e culturais em Cidade de Deus. Participei de 25 Coletâneas, tenho 4 livros editados e um novo registrado e no forno de mais 3. Tenho 3 álbuns musicais. Gosto de criar. Gosto de viver e por ter sede de aprender sou uma aprendiz na velocidade da curiosidade.

Vagalumes Sertanejos

Manhã cinzenta e eu quebrada por um vírus. Prostrada no sofá.

Consulto o WhatsApp. Da janela da minha emoção, o sol surge forte e abraçador, e arde em meus olhos com um vídeo recebido dos amigos WG e Severino Honorato. Em segundos sinto em minha corrente sanguínea a injeção de amor enviada. Sorrio. Curo por instantes.

Lembro-me de uma foto, de uma xilogravura do Mestre J Borges G - Mudança de sertanejo. Rapidamente viajo em pensamento para um sítio em Mulungu, descrito por um paraibano amado, lugar que nunca fui. E mesmo neste Calundu virótico, escuto as palavras, as sinto na força que têm, iguais aos cursos e projetos que batizam os encontros de amigos das favelas e permitem audições turísticas e troca de saberes.

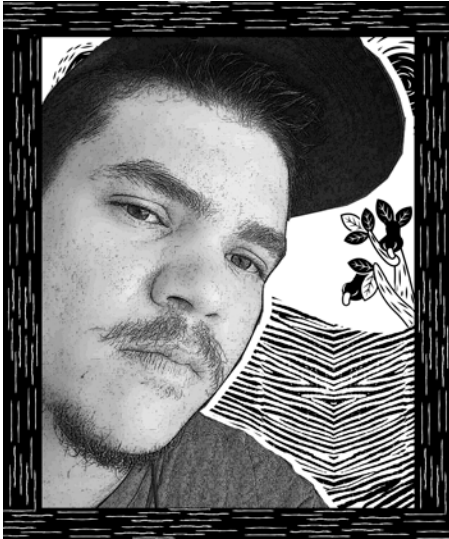
Somos andarilhos do tempo e este chão nos traz mudanças na alma e nos olhos das palavras. No balaio carregamos a vida e a tradição deste mundo de saber que pude e posso conhecer nas palavras deste amigo, nascido no sítio Cipoal de Utinga, em Mulungu na Paraíba., que é coberto de compromisso com a escrita e me sinto também assim com o WG do Cezarão em Santa Cruz. Palavras. E as mesmas palavras me fizeram conhecer a força de uma paraibana, a Jeovánia P. que diariamente acorda o mundo com os vídeos do "Bom dia com Literatura Feminina". Acho que lembrei da Jeovánia por conta de um xero que ela sempre me dá em suas mensagens. Somos vagalumes no sertão das palavras.

Voltando ao meu amigo Severino, que me apresentou, com a luz do candeieiro, o varal de Cordel e o som do Aboio, além da divisão de estrofes em septilhas, o que aprendi?

Admirá-las!

Conheci o Severino e o WG em uma aula que eu achava não ter entendido nada. Escrevi em um pedaço de papel uma frase "Coração Preso", mostrei provizinho ao lado, o Severino, queriu. Viemos na barca falando do meu Livro 1. Esta aula destrancou palavras e acordou a poetisa. Nós nos cuidamos. Somos fagulhas de um São João de janeiro a dezembro, fazendo barulho com o berrante da vida, gritando poesias na rua, sobrevivendo juntos, dividindo sonhos, contando e cantando o que somos. Amigos sem fronteiras regionais e amantes da poesia da vida.

Severino pra mim é a síntese de um sertanejo que é filho da pátria. Estabeleceu-se no Rio e trabalha de dia como porteiro, mantém nas horas vagas o maravilhoso poeta vivo distribuindo a cultura do seu lugar de origem. Toda parte do país é o seu sítio, Maré, Rocinha, Cidade de Deus, Guaratiba, Botafogo, são espaços onde o varal das palavras balança. E desde lá na Paraíba com a Jeovánia P e no Cezarão com Wanderson Geremias, que com um lápis e uma bola gira a poesia no globo ocular da criançada, seguimos nos comunicando. O Nordeste é ancestral e somos do Rio de Mulungu.



VHUGO

As palavras espelham a minha alma.” Escrevi 10 livros de poesias: Laroîê Exu pela Lei Aldir Blanc, ed. do Autor (Independente), (2021). Lançado o 20 livro de poesias Margens Dissidentes, ed. Toma Aí Um Poema, (2023). Recebi Menções Honrosas no Concurso Literário LGBTQIA+ Rio de Cores, (2023). Publiquei textos em Revistas e Antologias Literárias. Palestrei na Bienal do Livro Rio, (2021). Historiador em construção na PUC-Rio (Graduando).

The Voice

Estava passando pelo centro histórico do Rio, próximo a Praça XV, em direção a Central, local onde seres humanos foram depositados; se mortos eram descartados, se doentes, vendidos; a saúde era verificada pelos dentes e um mero tratamento plástico era dado para venda e comércio. Esse comércio mais tarde foi deslocado para a praça Mauá, chegada e venda de vidas que não sabiam para onde iam; isso devia mudar.

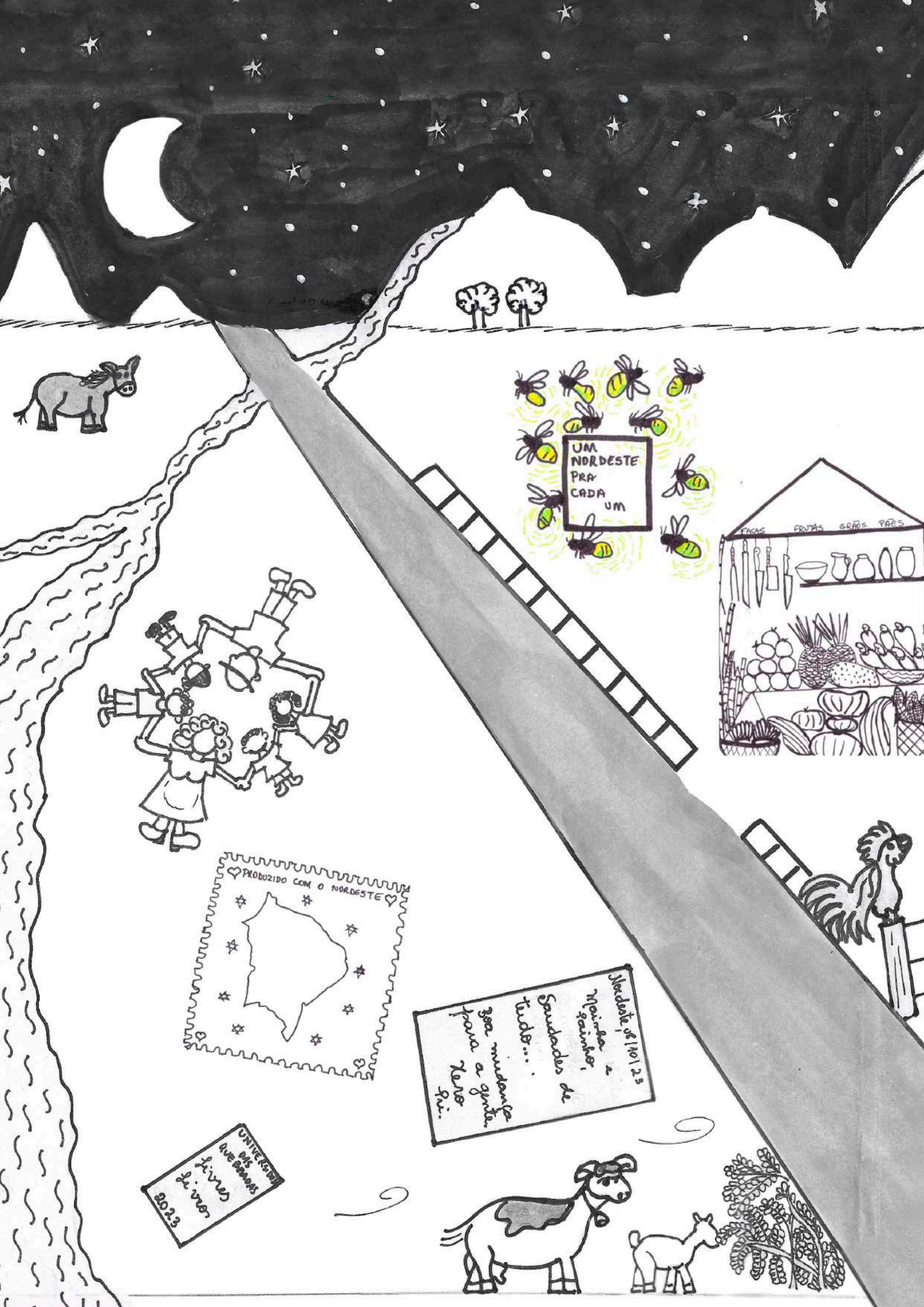
Na viagem, uns morriam na própria embarcação, outros eram jogados no mar para equilibrar o peso, uns chegavam, muitos partiam. Não sei se seria sorte ou azar, dos que ainda tinham alguma sobrevida.

Minha amiga e eu caminhávamos, chegamos próximos ao CCBB, hoje museu, mas já foi banco, Banco do Brasil, fundado por Barão de Mauá, a custa de trabalho alheio, quase escravo. De repente apareceu um senhor que estava pescando nas águas da Guanabara e perguntou se a gente compraria os peixes dele, disse que os vendia na Uruguaiana, ouvimos que estava cantando sertanejo, e com muito entusiasmo, disse ter vendido músicas para alguns cantores, e citou seus nomes, que agora não lembro. Perguntei o que estava fazendo ali. Contou que veio do Nordeste para participar do The Voice, que estava morando na rua, esperando as seletivas do programa, pois o dinheiro acabou, cantou algumas músicas e disse que eram dele.

Depois de muita conversa pediu para que comprássemos uns cigarros, para vender. Fomos até uma banca de jornal, compramos, perguntamos se tinha fome, oferecemos biscoito, tiramos uma foto. Ele pediu para segui-lo e curtir o vídeo no canal do YouTube.

Li em um dos comentários:

— Esse senhor diz que está esperando chamar para a eliminatória do The Voice, mas sempre que passo, conta a mesma história. Simpático, alegre e educado. Alguém ajude esse homem?

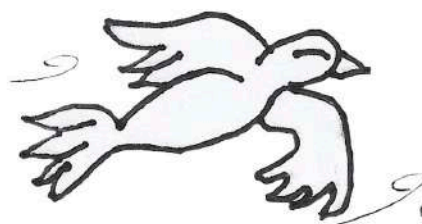
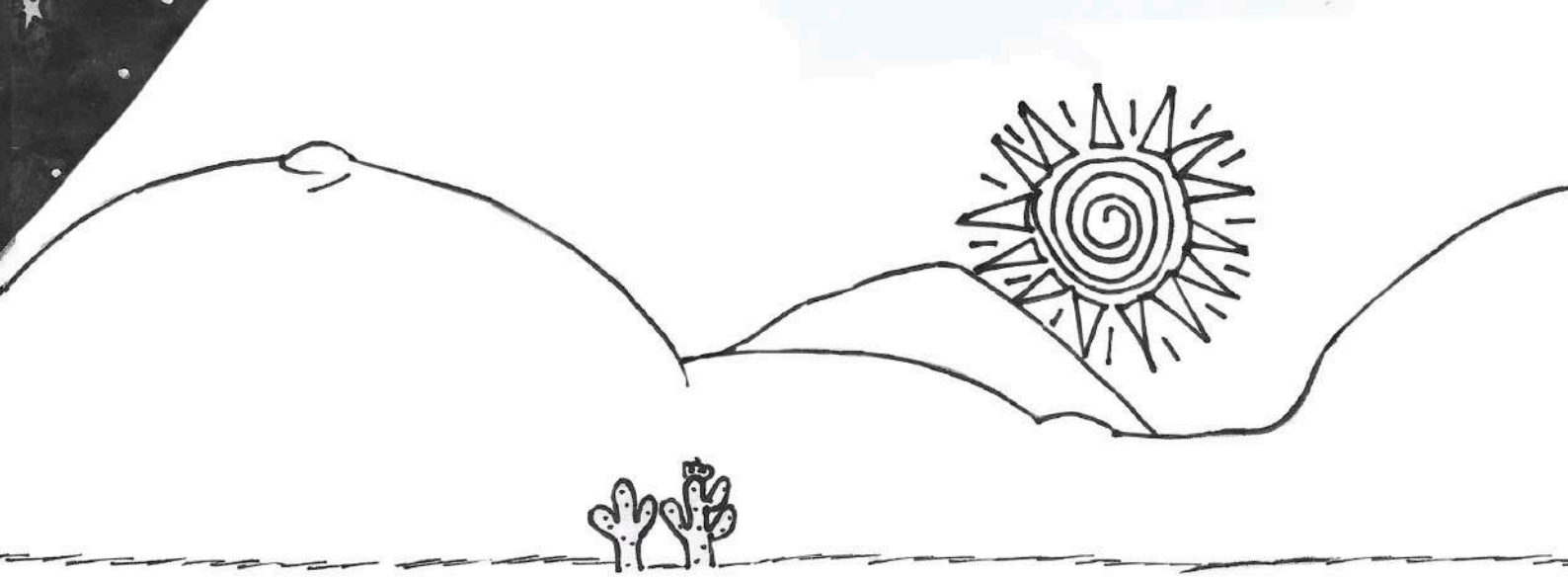


UM
NORDESTE
PRA
CADA
UM

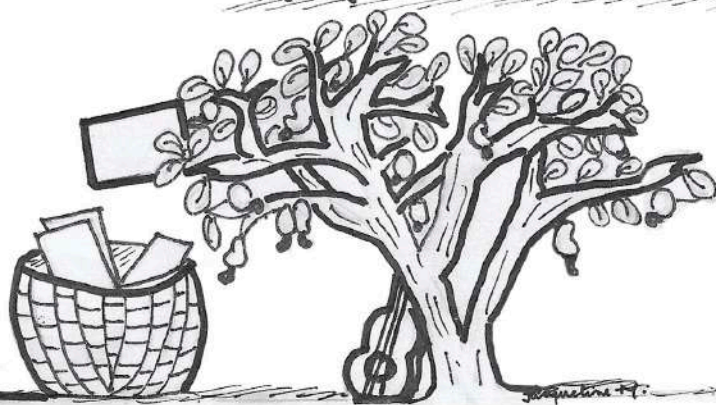
PRODUZIDO COM O NORDESTE

Nordeste, de 1401 25
reunido a
saindo,
tudo...
Saudades de
essa mudança
para a grande
rua.

UNIVERSIDADE
DE SÃO PAULO
LIVROS
LIVROS
2023



CARTÃO
DE
VACINA



A GRAVURA QUE INSPIROU OS TEXTOS



J. BORGES

“Artista popular autodidata, poeta, xilogravador, patrimônio vivo de Pernambuco e pai de 18 filhos, J.Borges tem especial atenção às oficinas que realiza para jovens e crianças em seu Memorial, que também abriga o Museu da Xilogravura, ateliê e loja. “Faço com muita alegria esses encontros. As crianças vão aprendendo a ler e tomam gosto pelo cordel. E isso é muito importante porque levarão essa riqueza adiante”, assegura o mestre.”



Conheça mais sobre esse extraordinário artista e seu trabalho:
<https://www.artesanatodepernambuco.pe.gov.br/pt-BR/mestres/j-borges-mestre/mestre>

Esta publicação foi criada no Ateliê de Leitura e Escrita #LivreLivros,
como parte do Curso de Extensão Universidade das Quebradas -
Edição 2023, lançada na 1ª FLUQ - Festa Literária da UQ.

Versão e-book, foram usadas as fontes “Abhaya Libre” e “Cymbria”.
Em Rio de Janeiro, novembro de 2023.
Distribuição gratuita.



ADRIANA FARIAS • ÁLVARO SANTOS
ANNA CARLA ROSA • ELIZABETH SOUZA
CRIS DA ROCHA • DANIELE ALVES • DÉBORA SALES
DENISE CASSIANO • FERNANDO FERREIRA
GILDA PORTELLA • GUSTAVO DE CARVALHO
JACQUELINE MEIRE • LANDA ARAÚJO • LEDA LESSA
LUCAS FREITAS • NATALIA FLORES • PAULO VIOLANTE
PRISCILA FERRAZ • SIMONE SILVA
TEREZA CRISTINA OLIVEIRA • TERESA ONÄ
VALÉRIA BARBOSA • VHUGO

WOMEN
WOMEN